

## O problema da origem dos indígenas na obra de Hugo Grotius

LUIS GUILHERME ASSIS KALIL\*

### Introdução

Em meados do século XVII, os relatos sobre o Novo Mundo já circulavam entre os europeus há mais de cem anos. Entretanto, as questões sobre a natureza de seus habitantes continuavam gerando intensos debates. Um deles, especialmente prolífico nesse período, foi o que tentava estabelecer as possíveis origens dos grupos indígenas e, conseqüentemente, determinar as trajetórias percorridas por eles até estabelecerem-se nas terras do novo continente.

Abordada por dezenas de religiosos, navegadores e intelectuais europeus desde os primeiros contatos com a América, esta questão acabou gerando uma infinidade de teorias e hipóteses. A busca por indícios dos ancestrais dos indígenas ocorreu tanto nas descrições de viajantes quanto nos escritos bíblicos e nos clássicos greco-romanos, na tentativa de integrar as terras recém encontradas e seus habitantes à tradição cristã. Esse processo fica evidente através das hipóteses sugeridas por alguns autores durante os primeiros séculos de colonização, que apontavam para migrações terrestres ou marítimas de diferentes povos do Velho Mundo (gregos, germanos, romanos entre outros), de locais míticos (como as ilhas das Hespérides e Ophir) ou ainda teorias que remetiam às Sagradas Escrituras (como a dispersão dos filhos de Noé e das tribos perdidas de Israel)<sup>1</sup>.

É importante ressaltar que as respostas dadas a esta questão traziam consigo implicações teológicas e políticas. Dessa forma, determinar se os habitantes do Novo Mundo eram descendentes de judeus, espanhóis, citas ou se eram sobreviventes da

---

\* Doutorando em História Cultural pela Unicamp com bolsa concedida pela CAPES

<sup>1</sup> Como exemplo, podemos citar o livro *Origen de los indios de el Nuevo Mundo e indias occidentales*, do dominicano Gregório García. Publicada em 1607, a obra comenta as hipóteses propostas por dezenas de autores que teriam, direta ou indiretamente, abordado esta questão (Cf. GARCÍA: 1729). Segundo Teresa Martínez Terán, García analisou doze teorias principais. No entanto, na reedição da obra, em 1729, teriam sido incluídas mais de quatro dezenas de novas hipóteses (MARTÍNEZ TERÁN, 2001: 59-60).

mítica Atlântida influenciava nos debates sobre a legitimidade da posse das terras descobertas, nas estratégias de conversão, na defesa ou não da legitimidade da escravização dos nativos entre outros campos.

Ao analisar esse tema, alguns historiadores tentaram estabelecer elementos comuns entre diferentes obras, criando uma noção de progresso<sup>2</sup> e uniformidade que identificaria uma lógica subjacente às múltiplas teorias propostas. Assim, as hipóteses sobre a origem dos indígenas passaram a ser divididas por critérios temporais, geográficos ou de acordo com as respostas ou métodos utilizados pelos autores para alcançá-las.

Lee Eldridge Huddleston é um dos que adotam esse tipo de postura. Em seu *Origins of the American Indians*, o historiador norte-americano identifica duas grandes “tradições” que norteariam as obras sobre o tema. A primeira delas teria sido fundada pela *Historia Natural y Moral de las Indias*, do jesuíta Joseph de Acosta, e seria caracterizada por um “*moderate skepticism with respect to the comparative and exegetical methodology of the day, by an adherence to geographical and faunal considerations in theorizing, and by a reluctance to produce finished origin theories*”. Já a segunda teria a *Origen de los índios de el Nuevo Mundo e indias occidentales* do dominicano Gregório García como obra fundamental: “*marked by an uncritical acceptance of the comparative ethnological technique of determining origins and a tendency to accept trans-Atlantic migrations*” (HUDDLESTON, 1967: 13). Partindo desse princípio, Huddleston relaciona os outros autores que abordaram esta temática como seguidores de uma ou outra vertente.

Acreditamos que a identificação de longas tradições de escritos acaba, por vezes, eliminando ou, ao menos, desconsiderando as questões próprias de cada texto. Dessa forma, centraremos nossa atenção não nas hipóteses ou em argumentos específicos sobre a questão do povoamento da América, mas sim em uma obra específica, a *De Origine Gentium Americanarum*, publicada originalmente em latim pelo intelectual,

---

<sup>2</sup> Esta visão pode ser observada na análise feita por Richard Popkin sobre os escritos de Paracelso. Para ele: “*Paracelsus is often given credit for being the first modern thinker to offer a polygenetic theory of human origins. I think is going a bit too far [...] Even if Paracelsus did not actually advance a polygenetic point of view, he did set the stage for the emergence of such a daring theory. Once he had proposed considering a separate origin thesis to account for the American Indians, then other hardy thinkers could develop explanations that challenged biblical history*” (POPKIN, 1987: 34).

embaixador e jurista holandês Hugo Grotius<sup>3</sup>, em 1542. Mais especificamente, pretendemos analisar como o autor, ao construir seus argumentos, buscou por uma unidade dos seres humanos a partir de aspectos como a presença de vestígios de práticas cristãs ou de um estado centralizado – identificados por ele como elementos essenciais para a definição dos antepassados dos povos americanos – e suas relações com o que seria criação dos próprios indígenas.

Apesar de muito citada por historiadores que abordam o debate sobre o povoamento do Novo Mundo, a obra de Grotius geralmente é analisada a partir das possíveis motivações que teriam levado o autor a, já no final de sua trajetória intelectual, abordar um tema que, supostamente, seria extemporâneo às questões tratadas por suas obras anteriores<sup>4</sup>. Motivações essas, que poderiam ser divididas em dois eixos centrais: a obra seria uma resposta aos argumentos defendidos por algum autor específico (principalmente Joannes de Laet e Isaac de La Peyrère<sup>5</sup>) ou uma defesa dos interesses coloniais holandeses<sup>6</sup> ou suecos<sup>7</sup> nas terras do novo continente.

Apesar de considerarmos válida como um de seus elementos, acreditamos que o estudo dos escritos de Grotius não deve se restringir às relações que o autor manteve com a Coroa sueca ou com outros intelectuais do período. Assim como apontado por Dominick LaCapra, consideramos que atrelar a obra às possíveis motivações de seu

---

<sup>3</sup> Para informações biográficas e referentes à formação intelectual de Grotius. Cf. GESTEIRA, 2006; RUBIÉS, 1991 e GÓMEZ ROBLEDO, s/d.

<sup>4</sup> “*There is little in what is known of Grotius's other writings or his concerns at that time that easily explains why he was interested in that question, or why he would elaborate his argument the way he did [...] In the seventeenth century Grotius was best known for his theological and political writings, especially his concern with the unification of Christianity and his contributions to the theory of natural law and natural rights*” (RUBIÉS, 1991: 221). Entre suas principais publicações, podemos citar *Mare Liberum*, de 1609, e *De Jure Belli ac Paci*, de 1625.

<sup>5</sup> “*The latter [Grotius] published the first refutation of La Peyrère's views*” (POPKIN, 1987: 6).

<sup>6</sup> Rubiés afirma que os povos apontados por Grotius como ancestrais dos indígenas seriam mais “nobres” do que os presentes em outras teorias da época, o que poderia ser uma forma indireta de atacar a colonização portuguesa e espanhola do Novo Mundo: “*Indians derived from European Norse, civilized Chinese, and Christian Ethiopians would have had to be treated with more respect than barbarians whose ancestry could be traced back to infidel Tartars and lost Jews [...] Grotius had developed arguments on the rights of the Indians and their political independence from the authority of Christian kings and popes in order to support Dutch claims to free trade against the Portuguese monopoly*” (RUBIÉS, 1991: 234-237).

<sup>7</sup> Giuliano Gliozzi defende a hipótese de que, por ter sido escrita durante o período em que Grotius trabalhou como funcionário da Coroa Sueca, a obra seria uma defesa dos interesses coloniais desse reino (Cf. GLIOZZI, 2000: 376).

autor limita o conteúdo de sua análise<sup>8</sup>. Da mesma forma, não buscamos estabelecer se as propostas apontadas por Grotius são mais ou menos “corretas” ou “coerentes” do que as apresentadas por outros autores do período. Diferentemente da análise feita por Rubiés<sup>9</sup>, julgamos que mais importante do que analisar o que o autor defende sobre a origem dos indígenas está a análise sobre como ele constrói seus argumentos.

### *De Origine Gentium Americanarum*

Em sua obra, Grotius interliga a busca pela ascendência dos indígenas a uma questão maior. Para o autor, os questionamentos sobre as origens de um determinado povo remeteriam à Antiguidade Clássica, tendo sido anteriormente tratados por autores como Estrabão e Tácito, que, como veremos adiante, serviram de base para as interpretações e hipóteses propostas por ele. Entretanto, Grotius afirma que, surpreendentemente, no caso específico dos indígenas, essa questão havia sido pouco analisada. Dessa forma, sua obra seria um convite ao debate, não uma resposta definitiva.

Apesar de sublinhar a escassez de fontes sobre o tema, Grotius começa seu texto negando a hipótese de uma colonização do Novo Mundo feita a partir de tribos citas, o que, segundo ele, seria algo defendido por muitos autores. A inexistência de cavalos no continente até a chegada dos europeus, reforçada pelos relatos de viajantes que enfatizavam a surpresa dos indígenas diante desses animais, seriam as principais evidências que refutariam essa teoria. Para Grotius, a importância dos cavalos para os citas, apontada por autores como Heródoto, impediria a confirmação dessa hipótese, uma que vez que eles dificilmente migrariam para novas terras sem levá-los.

A construção dos argumentos utilizada por Grotius para eliminar a hipótese da colonização cita é repetida pelo autor ao longo de toda sua obra. Como apontado por Joan-Pau Rubiés, ao tentar confirmar cada uma de suas hipóteses, o autor busca

---

<sup>8</sup> “Al presentar el texto exclusivamente como una ‘intencionalidad’ realizada o ‘encarnada’, impide la formulación como problema explícito de la cuestión de la relación entre intenciones – en la medida en que se las puede reconstruir plausiblemente – y lo que es posible sostener que el texto hace o revela [...] En cualquier caso, creer que las intenciones autorales controlan por completo el significado o funcionamiento de los textos [...] es suponer una posición preponderantemente normativa” (LACAPRA, 1998: 253-255).

<sup>9</sup> Em artigo dedicado à análise do método comparativo utilizado por Grotius em seu livro sobre os indígenas, Rubiés identifica uma “falta de coerência” do autor em certos momentos da obra além de indicar que as hipóteses propostas por ele eram “absurdas” (RUBIÉS, 1991).

relacionar os indígenas com descrições de povos do Velho Mundo feita por autores gregos e romanos<sup>10</sup>. Dessa forma, ao defender que os habitantes da região ao norte do “istmo do Panamá” descendem dos noruegueses, Grotius representa os indígenas dessa região como uma versão aproximada da descrição das tribos germanas feita por Tácito, o que poderia ser observado através da semelhança de seus costumes e características, mas, principalmente, pela língua falada por esses grupos.

*“Words are added, many of which were German, that is, Norwegian, but there are few which in their course have come to our knowledge. Teut, the god of Germany, is the same also among those nations [...] Places situated beside streams end in Peke, for Beke, which is stream among the Germans. Whoever has a mind to inquire into these things will discover more resemblances. Their customs likewise afford no slight mark of their origin. Their judges are twelve in number, as there were formerly among the Goths and other nations of Scandinavia [...] They spent their life in hunting, as the Mexicans used to say of their ancestors. The reckoning of time by nights, the washing of newly-born infants in running water, their belief in dice, even to the loss of liberty – all these you will learn from Tacitus and the German writers, were customs of Germany” (GROTIUS, 1884: 12)<sup>11</sup>.*

Nessa passagem, assim como em outros momentos da obra, o Novo Mundo é representado pelo autor como um local de degeneração. A língua, que teria permanecido inalterada durante todo o processo de imigração, ao chegar ao Novo Mundo se alterou a ponto de restarem apenas alguns poucos vestígios de sua forma original<sup>12</sup>. O mesmo teria ocorrido com alguns costumes herdados de seus ancestrais. Grotius afirma que a realização de sacrifícios humanos em cerimônias de homenagem aos deuses era uma influência das tribos germânicas, entretanto, na América, ela teria se tornado mais selvagem, ao incluir o canibalismo<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> “The scholar must assemble the evidence collected by European observers in the Indies and compare it to the knowledge of the ancients to be found in books. It is on this basis that he can elaborate hypotheses and discuss their implication” (RUBIÉS, 1991: 228).

<sup>11</sup> As citações dos escritos de Grotius foram retiradas da edição inglesa da obra, publicada por Edmund Goldsmid, em 1884.

<sup>12</sup> A principal permanência identificada por Grotius estava nos topônimos, que, assim como entre os germanos, terminariam em “land” (GROTIUS, 1884: 11).

<sup>13</sup> “Even to sacrifice men to the Gods is a German custom, upon which as the savageness became more

Como vimos anteriormente no caso da teoria da migração cita, tão ou mais importante do que determinar as origens dos indígenas estava a tarefa de refutar certas hipóteses consideradas pelo autor não apenas como falsas, mas, em certos casos, problemáticas para a escatologia cristã. Ao descrever as características dos nativos da região de Iucatã, Grotius afirma que eles praticavam a circuncisão. Contudo, o autor enfatiza que, apesar de também ser feita pelos judeus, essa prática não comprovaria uma ligação entre estes dois grupos. Na tentativa de explicar a existência de indígenas circuncidados sem atrelá-los aos judeus são apontadas duas hipóteses: este poderia ter sido um costume desenvolvido pelos próprios nativos ou herdado de cristãos etíopes que, segundo autores como Pedro Mártir de Anglería, teriam chegado à América impulsionados por tempestades que alteraram os rumos de suas embarcações.

A ligação entre os habitantes dessa região e o cristianismo seria reforçada ainda por outros elementos. Grotius afirma que os indígenas mantinham resquícios de cerimônias como batizados e confissões<sup>14</sup>, além de afirmarem serem descendentes de um povo que teria chegado pelo mar, o que, para ele, seria uma referência ao Dilúvio Universal. Segundo o autor, a perda progressiva das características trazidas pelos povos do Velho Mundo seria motivada por diversos fatores, como o grande lapso de tempo sem contato com o cristianismo, a inexistência de religiosos, a negligência dos indígenas, a mistura de descendentes de diferentes regiões e, principalmente, “*that most of them lived without a common government*” (GROTIUS, 1884: 17).

A importância dada para a existência de algo que pudesse ser identificado como uma espécie de governo central pode ser percebida nas páginas finais de seu texto. Grotius conclui sua obra com uma análise sobre os indígenas da região do Peru. Para ele, este grupo era muito mais avançado do que os outros habitantes da região sul do Novo Mundo, o que indicaria uma origem diferente: “*the more highly refined minds of the Peruvians, their capacity for just and extended government, testify to another origin, which, if I see anything, can be no other than from the Chinese, a race of equal elegance and equal imperial ability*” (GROTIUS: 1884, 18). Segundo o autor, a relação entre chineses e peruanos seria confirmada pela existência de destroços de embarcações

---

*developed, there supervened the practice of feeding upon human flesh.*” (GROTIUS, 1884: 14).

<sup>14</sup> “*We are lead to the same conclusion by the celebration in Yucatan of extreme unction, the confession of sins in sickness, honourable burial, and a firm belief in rewards and punishments after this life*” (GROTIUS, 1884: 16-17).

no litoral do Peru, o fato de ambos os povos adorarem ao sol, apresentarem semelhanças entre suas línguas e, principalmente, devido à sua organização política:

*“I am likewise of opinion that Mancacapacus was a Chinese, who, as he was a man of wonderful genius and spirit, learning that men of his own race were in possession of good lands across the sea, but were subject to no common rule, crossed over there, collected them, scattered as they were, into a body, and set up a Government for them and their posterity on the model of the Government of China” (GROTIUS, 1884: 19-20).*

A partir da descrição dos “peruanos” feita por Grotius podemos observar que o autor remete a uma herança exterior os elementos considerados por ele como “positivos” entre os indígenas, como a existência de regiões comandadas por um governo central e a manutenção de práticas como o batismo e a confissão. Já aspectos como o canibalismo e a degeneração da língua e dos costumes, ainda que pudesse ser comparada com certas regiões isoladas do Velho Mundo<sup>15</sup>, derivaria dos próprios grupos indígenas. Como apontado pelo próprio autor ao abordar os sacrifícios humanos, a América era o local onde *“the savageness became more developed”*.

As hipóteses sugeridas pelo autor foram duramente criticadas por alguns de seus contemporâneos, como Joannes de Laet, escritor, editor e integrante da Companhia das Índias Ocidentais que publicou uma edição da *De Origine Gentium Americanarum* com comentários onde tentava invalidar seus argumentos<sup>16</sup>. Um dos principais pontos debatidos pelos dois autores referia-se à existência ou não de um contato anterior dos indígenas com o cristianismo. Ao contrário de Grotius, Laet afirmava que as características dos habitantes do Novo Mundo no momento da chegada dos espanhóis demonstravam que eles desconheciam totalmente a palavra de Deus<sup>17</sup>. Dessa forma,

---

<sup>15</sup> “[...] we see the same thing happen in Discoridis, an island of the Red Sea, which they now call Scotra, where those who were there after Paul, the Venetian, could discover nothing left of the Christian religion, of old established there, but baptism and the sign of the cross” (GROTIUS, 1884: 17).

<sup>16</sup> Grotius respondeu às críticas feitas por Laet em uma nova obra, seguida por um segundo comentário do editor holandês. Os argumentos apontados pelos dois autores continuaram sendo debatidos ao longo do século XVII através de livros e panfletos escritos por autores como Jean Baptiste Poisson, Robert Comte e Georg Horn, gerando o que Huddleston afirma ter sido *“the first literary confrontation on the subject of Indian origins”* (HUDDLESTON, 1967: 118).

<sup>17</sup> *“I cannot make myself believe that this happened after the reception of the Faith of Christ, because not even the slightest vestiges of Christianity have been found anywhere in these places. Now, no example can be found, I think, of any nation or people, after accepting properly the Christian mysteries, having*

enquanto para Grotius os hábitos de alguns grupos americanos eram uma herança, ainda que modificada pelo longo tempo de separação, das práticas cristãs, para Laet, eles seriam anteriores ao cristianismo, o que alterava não apenas as rotas e períodos em que as migrações teriam ocorrido, mas a própria condição dos nativos diante do processo de evangelização.

As teorias de Grotius também foram criticadas pelo francês descendente de cristãos-novos Isaac de La Peyrère, para quem as conclusões tiradas por ele partiriam de uma aproximação forçada entre as características dos indígenas e as praticadas por seus supostos antepassados<sup>18</sup>. A partir de trechos da Epístola de Paulo aos Romanos, La Peyrère constrói a tese de que Adão era o ancestral apenas do povo hebreu. Assim, os indígenas, bem como todos os outros grupos humanos, teriam para ele uma origem anterior ao casal original, sendo por isso denominados como “pré-adamitas”<sup>19</sup>. Com sua teoria da criação múltipla dos seres humanos, La Peyrère não apenas tentava invalidar as hipóteses de Grotius, mas também a idéia de que os indígenas seriam descendentes de povos do Velho Mundo.

Ainda que sem citar diretamente, Grotius rebateu os argumentos expostos por La Peyrère:

*“The consequence of which is that humankind is believed either to have existed eternally, as Aristotle believes, or to have arisen from the land, as the legend about the Sparti says, or from the ocean, as Homer wanted it; or that some men had been created before Adam, as recently someone dreamt in France. If these things are to be believed, I see a great danger for Religion; if what I have said is believed, clearly there is none” (Apud RUBIÉS, 1991: 239-240).*

---

*thereafter obliterated them to such an extent that no vestige remains” (Apud WRIGHT, 1917: 269-271).*

<sup>18</sup> “[...] and either from some ancient record, or some old tradition, or the similitude of some old and obsolete name, or from any their conjecture: Some they imagine that landed at such or such a place, to have been the authors or fathers of such a Nation. As if Italus, who fled (for example) into Italy, and gave a name to that Countrey, had been the father and author of all the Italians, and that nation had had no Inhabitants before Italus. As if the Francks should be thought the authors and first founders of all the French Nation, and that there had been no Frenchmen before the Franks: because the Franks seiz’d upon France, and chang’d the name of the Province, and of Gallia made it Francia. Must needs Peru be thought to have had their Original from the Chinesians, because a piece of a broken boat, like those of the Chinesians, was found on the banks of Peru?” (LA PEYRÈRE, 1656: 277).

<sup>19</sup> Para uma análise dos argumentos defendidos por La Peyrère e da reação da Igreja Católica, que o levou a renegar seus teorias. Cf. POPKIN, 1987 e POLIAKOV, 1974.



A afirmação de que as hipóteses defendidas por autores como La Peyrère representavam uma ameaça ao cristianismo aliada à análise de suas hipóteses sobre o povoamento da América permite-nos observar o modo como Grotius construiu sua representação dos indígenas. Tendo como fundamento uma defesa obstinada da unidade da humanidade<sup>20</sup>, Grotius buscou representar os habitantes do novo continente a partir de dois elementos centrais, que determinariam todas as suas características: as reminiscências cristãs e a existência de um estado centralizado, que poderiam ser “comprovados”, principalmente, a partir de supostas semelhanças lingüísticas. Assim, elementos considerados pelo escritor como positivos teriam uma origem exterior e anterior ao Novo Mundo, que remeteria à tradição cristã e ao passado clássico (processo evidente na representação dos indígenas da região norte a partir da descrição dos germanos feita por Tácito). Já aspectos “problemáticos”, como o canibalismo e a circuncisão, seriam obra dos próprios indígenas.

#### Referências bibliográficas

GARCÍA, Gregorio. *Origen de los indios de el Nuevo Mundo e indias occidentales*. Madrid: Imprenta de Francisco Martínez Abad, 1729.

GESTEIRA, Heloisa Meireles. “Da Liberdade dos Mares: guerra e comércio na expansão neerlandesa para o Atlântico”. In: *Revista de História*, n.º. 154, 2006, pp. 221-249.

GLIOZZI, Giuliano. *Adam et le nouveau Monde: la naissance de l'anthropologie comme idéologie coloniale – des généalogies bibliques aux théories raciales (1500-1700)*. Paris : Théétète éditions, 2000.

GÓMEZ ROBLEDO, Antonio. *Hugo Grocio, su vida y su obra*. Ciudad do México: Instituto de Investigaciones Jurídicas de la UNAM, s/d.

GROTIUS, Hugo. *On the Origin of the Native Races of America*. Edimburgh: s/ed, 1884.

HUDDLESTON, Lee Eldridge. *Origins of the American Indians: European concepts, 1492-1729*. Austin: University of Texas Press, 1967.

LA PEYRÈRE, Isaac de. *Men before Adam*. Londres: s/ed., 1656.

---

<sup>20</sup> Defesa presente em diversos momentos de sua vida intelectual. Como podemos observar nesse trecho da obra *Mare Liberum*: “Ensinavam então que havia um Deus, fundador e diretor do universo inteiro, e acima de tudo pai da humanidade, que por esta razão não havia separado em espécies diferentes, sujeitas a sortes diversas. Sob uma mesma denominação, proveniente de uma mesma origem, havia ele compreendido que possuía a mesma disposição de órgãos, a língua e outros meios de comunicação, que levava evidência de que todos os indivíduos eram partes de uma única sociedade e tinham pela natureza um parentesco imutável” (*Apud* GESTEIRA, 2006: 230).

LACAPRA, Dominick. “Repensar la historia intelectual y leer textos”. In: PALTÍ, Elías José (org.). *‘Giro Lingüístico’ e historia intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

MARTÍNEZ TERÁN, Tereza. *Los Antípodas: el origen de los indios en la razón política del siglo XVI*. Puebla: Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades (BUAP), 2001.

POLIAKOV, Leon. *O Mito Ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1974.

POPKIN, Richard H. *Isaac La Peyrère (1596-1676): his life, work and influence*. Leiden: E. J. Brill, 1987.

RUBIÉS, Joan-Pau. “Hugo Grotius’s Dissertation on the Origin of the American People and the use of comparative methods”. In: *Journal of the History of Ideas*, University of Pennsylvania Press, vol. 52, nº 2 (apr. – jun.), 1991, pp. 221 – 244.

WRIGHT, Herbert F. “Origin of the American Aborigines: a famous controversy”. In: *The Catholic Historical Review*, vol. 3, nº 3, 1917, pp. 257 – 275.